

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**Faculdade de Direito e Relações Internacionais**  
**Curso de Relações Internacionais – FADIR**

**ANTONIO JORGE FERREIRA FILHO**

**O FUTEBOL PODE SER UM INSTRUMENTO DE  
MANIFESTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL? COMO  
ISSO SERIA POSSÍVEL?**

## RESUMO

O trabalho em questão é uma versão adaptada para a ocasião, no caso a VIII Semana Acadêmica. O trabalho original é muito mais extenso e provavelmente não se encaixaria de maneira justa nesse encontro científico, então a ênfase é o último capítulo, no qual são apresentados e debatidos temas relacionados à globalização, consequentemente a influência do Global no Local.

O futebol é o esporte coletivo mais popular do mundo, essa popularidade faz com que a prática possa influenciar em outros segmentos da sociedade humana, sociedade humana essa que se mostra heterogênea até hoje, tempos de globalização. O “esporte bretão”, como também é conhecido, tem a capacidade de representar as identidades locais de uma maneira muito eficiente, seja de uma maneira espontânea ou até forçada, através de instituições como o Estado. As seleções nacionais poderiam ser representantes legítimas dos Estados-nacionais dentro do esporte, mas não é o que acontece em países tão plurais nacionalmente falando. Clubes como Athletic Bilbao e FC Barcelona são capazes de representar os sentimentos de duas nações afetadas por séculos de opressão cultural por parte do governo central espanhol, essa representação pode ser verificada tanto no passado recente, na ditadura Franquista, quanto no presente, tempos em que o mundo e o futebol são globalizados. O futebol também é tem a capacidade de representar a unidade nacional em países tão multiculturais como o Brasil, onde o esporte é considerado uma importante instituição social e também serve como motivo de orgulho, numa nação que sempre sentiu dificuldades em afirmar sua autoestima diante dos outros povos. A globalização ainda não foi capaz de fazer do mundo uma “aldeia global”, termo criado pelo intelectual canadense Marshall McLuhan para designar a sociedade humana no ápice de sua integração. O processo de mundialização, no entanto, foi suficiente para transformar o futebol em uma máquina de negócios, praticamente transformando os clubes em empresas capazes de expandir suas marcas pelo mundo, fazendo com que garotos que moram em Dourados se considerem torcedores do Real Madrid, por exemplo. Apesar da mundialização das marcas dos clubes, os sentimentos locais ainda permanecem sólidos no âmbito futebolístico, na Catalunha o Barcelona ainda é um importante símbolo da região, a cena se repete no País Basco com o Athletic Bilbao. No Brasil a seleção nacional ainda parece ser capaz de representar a nação brasileira, a união e comoção causada no país pela Copa do Mundo pode comprovar isso. Esta monografia foi elaborada através de pesquisas sobre eventos do passado e também analisando o presente, para tal foi construída uma base sobre os principais conceitos para depois analisar a relação entre eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Identidade Nacional; Globalização; Estado Nacional.

## SUMÁRIO

<b>O FUTEBOL MODERNO E A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>1.1 Globalização e as identidades nacionais.....</b>	<b>4</b>
<b>1.2 Os efeitos da globalização no futebol.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 A relação das identidades com o futebol globalizado.....</b>	<b>12</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>17</b>

## O FUTEBOL MODERNO E A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO

### 1.1 Globalização e as identidades nacionais

“Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou.”<sup>1</sup>.

Tornou-se evidente o intenso processo de globalização instalado principalmente após a guerra fria, o avanço tecnológico aliado ao fim do antagonismo entre duas superpotências abriu o caminho para uma maior convivência entre os povos. Nas relações internacionais o fim da guerra fria é visto como um divisor de águas e causador de uma crise nas teorias positivistas da área.

Os atores transnacionais ganharam muito mais destaque no sistema internacional pós-guerra-fria, isso ocorreu porque a segurança deixou de ser o tema predominante nas discussões internacionais. A predominância da ideia de que o Estado seria o principal ou até único ator no sistema internacional começou a ser fortemente questionada. Percebeu-se que muitos temas ultrapassam as fronteiras nacionais, fugindo do controle dos governos estatais, o processo de integração social, econômico e cultural se tornou intenso, ocasionado pela rápida propagação da informação, muitas vezes até de maneira instantânea.

A seguir, uma citação do livro “O mundo globalizado (Política, sociedade e economia)”, do professor Alexandre de Freitas Barbosa, Alexandre é pesquisador na área de história econômica:

A globalização caracteriza-se pela expansão do fluxo de informações- que atingem todos os países, afetando empresas, indivíduos e movimentos sociais- pela aceleração das transações econômicas- envolvendo mercadorias, capitais e aplicações financeiras que ultrapassam as fronteiras nacionais e pela crescente difusão de valores políticos e morais em escala universal.

Assim, no mundo globalizado, as distâncias geográficas e temporais encolhem-se de forma pronunciada. A oposição “longe-perto” – tão marcante nas sociedades primitivas e também dos Estados nacionais nos últimos duzentos anos- mostra-se cada vez menos nítidas.

Isso quer dizer que a globalização não está somente nas notícias difundidas internacionalmente, pois repercute na própria dinâmica das economias e sociedades

---

1 ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 2010, p. 31. Disponível em: <https://comunicadadao.wordpress.com/2010/06/10/fichamento-%E2%80%93mundializacao-e-cultura-ortiz-renato/>. Acesso em 03 jul. 2017.

cada vez mais influenciadas pela produção das multinacionais, pela entrada de capitais na bolsa, pelo uso de novas tecnologias e bens de consumo importados, pela presença crescente dos temas de política internacional na agenda nacional dos respectivos governos e pela adesão externa aos projetos dos movimentos sociais nacionais.

Nesse contexto, tornou-se um fenômeno do passado o sonho de desenvolver uma nação somente a partir de suas próprias forças, isolando-a da realidade internacional. [...].<sup>2</sup>

A globalização sugere um movimento rumo a homogeneização das sociedades, isso é contrário ao discurso das identidades nacionais, pois identidade sugere a diferenciação, o que faz um povo ser único e não possa ser confundido com outro, é a origem comum de um grupo de pessoas. A ideia de nacionalismo é bastante antagônica a globalização, pois o intercâmbio cultural pode incorporar elementos de outras identidades em uma determinada sociedade, muitos nacionalistas sugerem que isso descaracteriza ou desfigura uma identidade.

A difusão do globalismo resultaria na criação e consolidação de uma sociedade global, na qual as próximas gerações, já nascidas no período de globalização assumissem uma identidade global em detrimento de uma identidade nacional.

O cientista político e professor universitário nipo-americano Francis Fukuyama argumentou que o fim da guerra fria significou não só a vitória de um modelo político e econômico, mas também tornou esse modelo a hegemonia e o inevitável caminho a ser tomado por todos os países. “O fim da história e o último homem” foi lançado em 1992, na percepção de Fukuyama, o fim do Império soviético abriu o caminho para o modelo de democracia liberal propagado pelos Estados Unidos ser adotado de maneira natural em todo o globo, naquele contexto, afinal, os americanos se tornaram a única nação com status de superpotência. No ambiente sem antagonismos, não haveria mais razão para existir conflitos geopolíticos, a democracia liberal seria então o último estágio de desenvolvimento da sociedade, daí vem a ideia de “fim da história”, segundo o autor é a conclusão do processo de evolução sociocultural. A globalização seria o veículo para a propagação de um suposto sentimento de unidade global, o processo então seria irreversível as sociedades se transformariam em uma única sociedade global. O fim das diferenças ideológicas seria o fator decisivo para o fim das hostilidades entre os Estados. O embrião do livro de Fukuyama foi um artigo publicado na revista “*The national interest*” em 1989, a revista em questão é voltada para assuntos relacionados a economia e relações internacionais:

---

<sup>2</sup> BARBOSA, Alexandre de Freitas. **O mundo globalizado (Política, sociedade e economia)**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 13.

Aquilo que podemos estar testemunhando não é só o fim da Guerra Fria ou a passagem de um período particular de história pós-guerra, mas sim o fim da história como tal: ou seja, a forma final de governo humano. Isso não significa dizer que não haverá mais eventos para preencher as páginas dos sumários do ministério de Assuntos Externos, nem das relações internacionais, pois a vitória do liberalismo ocorreu primariamente no campo das ideias ou da consciência, e ainda está incompleta no mundo material ou real. Mas há razões poderosas para acreditar que esse é o ideal que governará o mundo material em longo-prazo. Para compreender como isso será, nós devemos primeiramente considerar as questões teóricas da natureza da mudança histórica.<sup>3</sup>

A tese de Fukuyama é considerada muito ingênua e otimista por alguns, ao “proclamar” o fim da história o autor ignora os milênios antes da guerra fria. O autor não dá forte destaque ao papel do Estado no mundo que surgiria no período pós-guerra-fria, as economias liberais iriam dissolver a relevância estatal em um mundo cada vez mais globalizado e com fronteiras cada vez mais fracas. O autor classificou o liberalismo como um caminho para a paz, pois a guerra não é uma característica marcante no liberalismo, ele ainda sugere que um mundo composto por democracias liberais geraria um clima desestimulante para o acontecimento de guerras.

Mesmo “odiado” por muitos, a obra de Fukuyama é bastante célebre e se tornou um clássico. 22 Anos após o lançamento da sua maior obra, Fukuyama concedeu uma entrevista a um órgão de imprensa alemão, a agência DW (Deutsche Welle), Francis foi indagado se ainda acreditava naquilo que havia escrito:

DW: Em 1989, o senhor publicou seu artigo mais conhecido, O fim da história?. Vinte e cinco anos atrás, numerosos críticos diziam: "Esse cara está errado." O senhor sente que foi mal entendido ou admite agora que estava errado?

Francis Fukuyama: Acho que os maiores problemas têm a ver com um mal entendido. O conceito de "fim da história" era a questão: em que rumo à história aponta? Para o comunismo – que era o ponto-de-vista de muitos intelectuais, antes – ou na direção da democracia liberal? E acho que, neste ponto, ainda estou certo.

História, no sentido filosófico, é realmente o desenvolvimento, ou a evolução – ou modernização – de instituições, e a questão é: nas sociedades mais desenvolvidas do mundo, que tipo de instituições são essas?

Acho que está bem claro que qualquer sociedade que pretenda ser moderna ainda precisa ter uma combinação de instituições políticas democráticas com uma economia de mercado. E eu não acho que a China, a Rússia ou qualquer outro concorrente invalidem esse argumento.<sup>4</sup>

3 CARVALHO, Jean Augusto G. S. **Fukuyama: O Fim da História e o Último Homem**. Disponível em: [http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo\\_9.html](http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo_9.html). Acesso em 03 jul. 2017.

4 DW. “**Ainda tenho razão**”, afirma Francis Fukuyama, filósofo do “**fim da história**”. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/ainda-tenho-raz%C3%A3o-afirma-francis-fukuyama-fil%C3%B3sofo-do-fim-da-hist%C3%B3ria/a-17730414>. Acesso em 03 jul. 2017.

O cientista político americano Samuel Huntington analisou o fim da guerra fria com menos entusiasmo que Fukuyama, para Huntington iria emergir um mundo extremamente instável, causado pelo contraste entre as civilizações. Samuel considerava que o ocidente liderado pelos Estados Unidos, iniciaria um processo de difusão de uma cultura ocidental universal através da globalização, e é exatamente nesse momento que fica em evidência naquilo que Huntington chama de “O choque de civilizações”, que foi o título de um artigo publicado em 1993 pelo cientista político na revista de relações internacionais “foreign affairs”. O artigo virou livro e foi lançado em 1996 sob o título de “O Choque de Civilizações e a Reconstrução da Ordem Mundial”.

A teoria proposta por Huntington é considerada uma resposta a teoria de Francis Fukuyama, as obras dos dois autores discordam em diversos aspectos analisando o mesmo contexto histórico. Huntington concorda que a época das ideologias acabou com o fim do conflito bipolar, as doutrinas ideológicas são apontadas como as causas de diversos conflitos, a guerra fria sublinhou isso de uma maneira ostensiva, a impressão era de que o conflito de ideias entre soviéticos e americanos seria o último estágio que os conflitos ideológicos poderiam chegar, uma possível guerra nuclear entre as superpotências seria o desfecho desastroso, foi nesses aspectos que Fukuyama embasou suas teorias.

Huntington apesar de concordar com o fim da era das grandes ideologias, não concordava que as doutrinas seriam os únicos elementos causadores de conflito, ele acreditava que sem ideologias os fatores culturais seriam os maiores causadores de conflitos, o antagonismo cultural abriria uma infinita sucessão de conflitos. Seria impossível homogeneizar o mundo, pois as identidades culturais dos povos não dariam margem para encontrar um modo universal de gerir a política e a economia, o que é visto pelo ocidente como democracia é visto no oriente médio como imperialismo.

A globalização poderia servir para integrar o mundo no campo tecnológico, mas politicamente é algo bastante distante. Huntington argumenta que a civilização ocidental causou impactos gigantes e até devastadores sobre as outras civilizações.

Enquanto as relações entre grupos de civilizações diferentes não serão íntimas e frequentemente serão antagônicas, algumas relações intercivilizacionais têm maior tendência para o conflito do que outras. No nível micro, as linhas de fratura mais violentas estão entre o Islã e seus vizinhos ortodoxos, hindus, africanos e cristãos ocidentais. No nível macro, a divisão predominante está entre as sociedades muçulmana e asiática, de um lado, e o Ocidente, do outro. Os choques mais

perigosos do futuro provavelmente surgirão da interação da arrogância ocidental, da intolerância islâmica e da postura afirmativa sínica.

O Ocidente foi a única dentre as civilizações que exerceu um impacto grande- e, por vezes, devastador- sobre cada uma das outras civilizações. Em consequência, a relação entre o poderio e a cultura do Ocidente e o poderio e a cultura das outras civilizações é a característica mais generalizada do mundo das civilizações. À medida que cresce o poder relativo das outras civilizações, a atração da cultura ocidental diminui e os povos não-ocidentais têm cada vez mais confiança nas suas respectivas culturas indígenas e se dedicam mais a elas. O problema fundamental nas relações entre o Ocidente e o resto é, conseqüentemente, a disparidade entre os esforços do Ocidente- especialmente dos Estados Unidos – para promover uma cultura ocidental universal, e a sua decrescente capacidade para fazê-lo.<sup>5</sup>

Huntington ainda propõe que a globalização é uma maneira que o ocidente encontrou para defender os seus interesses, taxando-os como interesses da comunidade internacional, isso é uma forma de buscar legitimar a globalização como um processo construído por todos os povos. Integrar as economias que não são ocidentais num sistema financeiro dominado pelo Ocidente significaria uma maneira de dominação, as instituições financeiras como o FMI e o Banco Mundial são utilizadas no processo de dominação.

Apesar das diferenças entre dois dos principais autores sobre a globalização no período logo após o fim da guerra-fria, algo em comum parece estar implícito nos discursos de Huntington e de Fukuyama, ambos não dão um grande destaque ao papel do Estado-nacional. Talvez Huntington chegue mais perto por destacar a força dos fatores culturais das civilizações, a identidade cultural é uma peça do quebra cabeça relacionado ao Estado-Nação, mas a instituição estatal não tem protagonismo em sua obra.

Muito se debateu no campo das relações internacionais acerca do papel do Estado-nacional após o fim da guerra-fria, foi nesse período que houve a popularização das teorias pós-positivistas do campo, muitas das quais sugerem um outro tipo de interpretação do sistema internacional.

Muito se falou na década de 90 e anos 2000 sobre a crise que o Estado Nacional poderia enfrentar, as ideias de globalização são antagônicas em relação ao conceito de Estado-nacional, esse tipo de organização poderia se tornar algo senil e retrógrado, em um mundo moderno e idealizado da “aldeia global” proposto pelos entusiastas do globalismo.

Se considerarmos o ano de 1989 como o ano em que a guerra-fria saiu da realidade para os livros de história, já se passaram quase 30 anos e o mundo que enxergamos é bastante

---

5 HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a reconstrução da ordem mundial**. 4. ed. São Paulo: Gravidia, 1999, p. 227-228.

diferente do que foi idealizado pelos entusiastas da globalização e do modelo de democracia liberal. O Estado ainda permanece como a principal maneira de organização das sociedades, como ator no sistema internacional ele passou a dividir mais atenção com os atores transnacionais, mas está muito longe de ter se tornado irrelevante. Se o liberalismo e as empresas multinacionais encontram cada vez mais espaço, muito se deve a ação do Estado, a integração econômica fomentada pelos blocos econômicos é fruto de políticas de Estado.

Ações estatais possibilitaram que a União Europeia se tornasse o ambiente que conhecemos, com a livre circulação de pessoas e mercadorias entre os membros, isso foi um planejamento dos Estados membros da União, não foram as empresas privadas que fizeram o processo se tornar irreversível, os Estados de uma maneira geral não demonstram uma subserviência em relação aos outros atores.

A relevância das identidades nacionais também foi colocada em dúvidas com a globalização. A livre circulação de pessoas e mercadorias em um mundo com fronteiras cada vez menos intransponíveis poderiam enfraquecer os orgulhos nacionais, afinal, a globalização iria trazer todos para mais perto, a identidade é algo que diferencia os grupos, historicamente esses grupos só são diferentes devido à distância, a globalização intensa iria resolver isso, ou não.

Algo inesperado talvez seja a atual onda nacionalista que se desenha no mundo, no calor dos acontecimentos que levaram ao colapso da guerra-fria seria muito improvável alguém dizer que quase 30 anos depois o conservadorismo e o nacionalismo exacerbado voltariam a cena. Os movimentos de extrema-direita têm ganhado cada vez mais adeptos na Europa, os discursos marcados por xenofobia marcaram a vitória de Donald Trump nas eleições de 2016 nos Estados Unidos.

Trump tem uma retórica antiglobalização, uma das suas mais famosas promessas eleitorais foi a de construir um grande muro na fronteira com o México, o presidente parece não gostar da ideia de integração proposta pela globalização, generaliza os povos árabes ao propor que sejam impedidos de entrar nos Estados Unidos. Não se sabe ao certo se o discurso antiglobalização foi o maior responsável pela vitória, já que a sociedade americana se mostra bastante desiludida em relação aos políticos tradicionais, talvez elegendo Trump por enxergar nele alguém não tão envolvido com a política.

O terrorismo sem dúvida é um fator muito influente para a popularização dos discursos nacionalistas e antiglobalização, as ações de grupos terroristas adeptos do

radicalismo islâmico fazem com que os povos árabes sejam erroneamente associados ao terrorismo. A Europa é local mais atingido pelo terrorismo atualmente, num momento em que a guerra civil na Síria parece cada vez mais longe de um fim, fazendo com que milhares de refugiados fujam em direção a Europa. O aumento do euroceticismo é algo cada vez mais evidente no continente, a União Europeia tem sido cada vez mais questionada, os políticos de extrema-direita têm sido os principais responsáveis por dar voz ao euroceticismo.

Os personagens da extrema-direita por muito tempo foram folclóricos, os resultados eram pouco expressivos nas eleições de seus respectivos países, mas isso parece ter mudado, um bom exemplo foi a eleição presidencial francesa de 2017, o pleito evidenciou o quanto os políticos tradicionais estão caindo em descrédito na Europa, assim como os discursos ultranacionalistas também fazem sucesso na Europa.

A candidata Marine Le Pen, de extrema-direita, não venceu a eleição francesa, mas o seu expressivo segundo lugar mostra como a retórica antiglobalização parece se fortalecer na Europa, não possível saber se a globalização irá ser freada, mas é bastante claro que esse processo já não é visto como inevitável.

O Brexit pode ser interpretado como um exemplo de como os Estados-nacionais ainda são extremamente relevantes, por não ser diretamente uma disputa entre candidatos, o referendo e seus antecedentes podem ser mais eficazes em expor como a globalização é contestada. Os principais argumentos pró-Brexit eram que a União Europeia feria a soberania dos Estados membros e o direito à autodeterminação do povo britânico, o referendo pode não ter demonstrado uma unidade nacional britânica, com a maioria dos votantes escoceses votando pela permanência, mas enfatiza como uma grande parcela da população britânica ainda vê no Estado uma melhor forma de organização, sem interferências de um bloco como a União Europeia.

Analisando o atual contexto, pode-se dizer então que a globalização não integrou todos os países da maneira como prevista anteriormente, o processo enfrenta ainda muita resistência e falar em uma sociedade humana sem fronteiras é algo bastante utópico, o mundo está muito longe nesse momento de chegar a algo como uma identidade global.

Pode ser que a o processo de globalização tenha sido superestimado na década de 90, o mundo é muito mais integrado e as nações são muito mais interdependentes nos dias de hoje, mas o globalismo da maneira como é difundido é algo bastante ocidental, por isso a impressão

de que os países ocidentais sejam mais integrados do que aqueles de regiões como o Oriente Médio e Ásia Central por exemplo.

## **1.2 Os efeitos da globalização no futebol**

No dia 22 de maio de 2010 a Internazionale, um dos maiores clubes da Itália e Europa, venceu o Bayern de Munique na decisão da Liga dos Campeões da Europa, o torneio mais importante do continente, a equipe italiana entrou com 11 jogadores estrangeiros no time titular. Se não fosse pelo fato do zagueiro italiano Materazzi ter entrado já nos acréscimos do segundo tempo, nenhum italiano teria jogado aquela final pela Internazionale, que já contava o português José Mourinho como treinador. A agremiação italiana concretizou a peculiaridade de não contar com italianos dentro de campo pela primeira vez 6 anos depois, em um jogo que a equipe adversária, a Udinese, também entrou em campo sem italianos, o jogo foi o primeiro da história da liga italiana a não contar com jogadores locais. Os exemplos envolvendo a Inter não são os únicos dentro do tema que engloba futebol e globalização, muitos jogadores estrangeiros também não é o único fator causado pela globalização dentro do futebol.

A globalização atingiu o futebol em cheio, principalmente na Europa. Os clubes europeus são marcas muito reconhecidas no mundo inteiro, da década de 90 até hoje o processo de internacionalização dos clubes é bastante evidente. As equipes contam cada vez mais com jogadores estrangeiros, algumas vezes o número de jogadores estrangeiros num clube até supera o de futebolistas locais, como foi o caso citado da Internazionale de Milão.

O processo de globalização é impulsionado pelas tecnologias e pelo sistema capitalista, isso faz com que várias instituições de diferentes áreas de atuação entrem no mercado global, os clubes de futebol se incluem nisso. Os clubes são praticamente geridos como se fossem empresas hoje em dia, a expansão da marca é um objetivo de vários clubes, sendo que os europeus atingiram esse objetivo com bastante êxito. É bastante comum os clubes europeus terem admiradores no mundo inteiro, basta olhar para ver que há camisas de clubes como Barcelona, Real Madrid, Chelsea, Manchester United, PSG, Manchester City circulando por cidades do mundo inteiro. A força econômica que os clubes europeus ganharam é um fator muito influente na capacidade de expansão da marca, com grande força financeira faz com que essas agremiações consigam montar equipes extremamente fortes, naturalmente conseguem jogar o esporte em um nível bastante alto. A mídia também tem

grande importância na globalização do esporte, é possível acompanhar os campeonatos europeus no mundo todo, seja através da televisão ou da internet, os veículos de imprensa dão bastante atenção aos clubes da Europa, influenciando na popularização das suas marcas e fazendo nascer mais admiradores dessas equipes.

O futebol jogado na Europa se tornou sinônimo de esporte em alto nível, a maneira como os europeus organizam os seus torneios passou a ser referência e considerado como o “jeito certo de se fazer futebol”. Com a ampla divulgação, ficou inevitável acontecer as comparações entre o futebol da Europa e dos outros lugares do mundo, na América Latina o esporte passou a ser visto como decadente pela grande mídia, que sempre sugere a adoção dos métodos europeus para gerir o futebol.

### **1.3 A relação das identidades com o futebol globalizado**

Como citado nos capítulos anteriores, o futebol é capaz de gerar a representação, a identidade nacional é uma das possibilidades. A Espanha foi citada como exemplo de identidades nacionais no âmbito futebolístico, alguns clubes locais têm grande identificação com orgulhos locais, mas a globalização do futebol coloca dúvidas acerca do futuro dessas identidades. O antagonismo entre o local e o global se evidenciam em um clube como o Barcelona, por exemplo, a equipe vive o contraste de ao mesmo tempo ser um importante elemento da identidade nacional catalã com o fato de ser uma enorme marca global com fãs por todo o globo.

Em 1995 foi sancionada pelo Tribunal de Justiça da União Europeia a lei Bosman, que permitiu que os jogadores não ficassem presos a um clube no fim do contrato, mas o destaque dessa lei foi o fato dos jogadores europeus terem o direito de circulação laboral como qualquer trabalhador da União Europeia. A lei Bosman gerou um efeito que jogadores estrangeiros fossem contratados para um clube local como jogador comunitário, ou seja, no papel tinha o mesmo status de um jogador local, é importante salientar que era bastante comum as ligas locais restringirem o número de estrangeiros, na Espanha por exemplo podiam jogar 3 por jogo. A entrada maciça de jogadores estrangeiros causou estranhamento em regiões de fortes tradições locais, como na Espanha, o Barcelona por exemplo já havia contado com estrangeiros em sua história, como Johan Cruyff, mas até então a base dos

elencos do clube era composta por jogadores locais, a maioria catalã, a torcida sentiu, mas acabou acostumando com tamanha presença estrangeira no clube.

O Barcelona continua até os dias de hoje destacando o seu papel como um representante da identidade catalã, mas vive um paradoxo quando é cobrada uma posição acerca do separatismo catalão nos dias de hoje, a diretoria do clube compreende que a independência da Catalunha em relação a Espanha, tanto no âmbito político quanto no esportivo pode prejudicar o Barcelona financeiramente, pois o clube possui importantes contratos no financeiros dentro do futebol espanhol, a liga espanhola certamente também não gostaria de perder uma instituição do tamanho do Barcelona.

Uma liga nacional catalã não iria ter o mesmo nível esportivo do campeonato espanhol, que já é considerado baixo em relação aos outros campeonatos europeus, principalmente por causa da disparidade financeira de Barcelona e Real Madrid em relação aos outros clubes. Alguns cogitam que o Barcelona deve continuar no campeonato espanhol mesmo com uma possível independência da Catalunha, a exemplo do Mônaco no campeonato francês e dos times galeses que participam do campeonato inglês, mas isso certamente não seria bem recebido tanto pelo time como pela população local, seria como se o lema “*més que un club*” perdesse o seu sentido para o clube.

Um foco notável de resistência a globalização do futebol até os dias de hoje é o Athletic Bilbao, a agremiação basca até os dias de hoje mantém a sua rígida política de contar apenas com jogadores considerados bascos. A lei Bosman acabou prejudicando a equipe de Bilbao no início, gerando uma crise no clube, mas logo a agremiação se recuperou e conseguiu se manter como um maiores clubes da Espanha, sendo junto com o Barcelona e Real Madrid uma das únicas equipes a nunca ter disputado uma divisão inferior. No âmbito esportivo o Athletic continua obtendo relativo sucesso, a equipe tem obtido colocações razoáveis no campeonato espanhol, além de ter obtido classificações para os torneios continentais, certamente os resultados dentro de campo fortalecem o ideal do clube de permitir somente os jogadores bascos na equipe.

Os ideais separatistas de catalães e bascos não só continuaram até os dias de hoje como também parecem ter ganhado mais força, isso certamente reflete no futebol espanhol. Nos últimos anos Athletic Bilbao e Barcelona se enfrentaram três vezes na decisão da Copa do Rey (temporadas: 2008/09, 2011/12, 2014/15), nas três ocasiões os torcedores de ambas as

equipes se uniram para vaiar o hino nacional espanhol, em 2015 ambos os clubes foram multados devido ao grande constrangimento causado.

Como já citado anteriormente, no Brasil a elitização do futebol afasta os torcedores das classes mais pobres, o resultado disso foi sentido inclusive na Copa do Mundo FIFA de 2014, quando a torcida brasileira nos estádios era composta basicamente por pessoas de classe média, durante o torneio foi evidente que o público não era formado pelos “torcedores de estádio”. A elitização a longo prazo pode diminuir a influência e participação do futebol na identidade nacional brasileira, basta ver que a seleção do Brasil se afastou bastante do povo brasileiro nos últimos anos, os jogos amistosos do time nacional raramente são realizados no Brasil. As únicas partidas realizada sem território nacional ultimamente foram pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, mas já com os estádios elitizados e sem grande participação de torcedores de classes menos abastadas. Deixar a maioria das pessoas sem possibilidades de frequentar os estádios tanto em jogos da seleção quanto nos jogos dos clubes pode significar a perda gradativa da identificação com essas instituições.

A seleção brasileira apesar de ficar cada vez mais distante, dificilmente será abandonada pelas pessoas em uma Copa do Mundo por exemplo, mas no âmbito dos clubes o afastamento pode gerar uma diminuição no número de aficionados pelas equipes brasileiras. É cada vez mais comum que os jovens brasileiros já se considerem torcedores de equipes europeias, pois a globalização do futebol trouxe mais informações sobre essas equipes ao Brasil, fazendo com que a distância dos torcedores para os times europeus seja muito parecida com a distância em relação aos clubes locais, pois do mesmo jeito que a televisão transmite uma partida do campeonato brasileiro ela também transmite partidas da liga dos campeões da Europa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou trazer para o debate vários conceitos estudados nas ciências humanas, entre os quais podemos destacar identidade nacional, identidade cultural, Estado-nação, globalização, etc.

Após abordar os diversos temas que envolvem a identidade nacional, o objetivo foi trazer o futebol para dentro do debate, expor os exemplos de identidades nacionais sendo exaltadas dentro do futebol e debater como o esporte mais praticado do mundo pode de fato ter a capacidade de representar algo/alguém.

Conseguimos concluir que o futebol serviu, de maneira espontânea ou não, para a exaltação de identidades nacionais mundo afora, em alguns momentos sendo impulsionado pelos Estados como instrumento de política, como foi o caso do Brasil durante a Ditadura Militar, ou na Espanha Franquista. A Espanha, país multinacional e recheado de tensões separatistas, serviu de exemplo em boa parte dos debates, a maneira como clubes igual Barcelona e Athletic Bilbao são capazes de ser um elemento de identidade nacional em suas respectivas regiões não poderia ser ignorado, aquele país certamente é o maior exemplo de como uma identidade nacional pode ser exaltada através do futebol.

O estádio de futebol pode ser um grande vetor de identidades, o espaço quando é democrático pode facilmente se converter em um ambiente que respira um orgulho, seja ele de uma classe social ou de uma nação, o Camp Nou e o San Mamés estão aí e não nos deixa mentir.

Em países como o Brasil o futebol pode ser considerado até os dias de hoje, mas trouxemos ao debate como a elitização do esporte pode afastá-lo da simbologia nacional que tem. O esporte se tornou no Brasil uma importante instituição social através da imensa integração entre as “raças” e a grande participação da classe trabalhadora nos estádios, se em países como a Inglaterra, que possui bons indicadores sociais a elitização faz mal a representatividade do futebol, imagina em um país com tanta desigualdade como o Brasil.

Por último foi lançado um debate sobre a globalização e a maneira como ela influencia o futebol, a mercantilização do jogo parece ser uma grande ameaça ao que o futebol representa para algumas identidades. O conflito entre o global e o local se evidenciam quando clubes tão representativos regionalmente como o Barcelona passam a ser adotados por pessoas que muitas vezes até desconhecem as tensões do separatismo catalão. É bastante impressionante e de grande destaque o caso do Athletic Bilbao, que mesmo em um mundo globalizado ainda mantém a política de contar apenas com jogadores bascos, o clube de Bilbao consegue como poucos representar o local de uma maneira extremamente forte, apesar do clube ser considerado “xenófobo” por pessoas fora do País Basco, ele representa fortemente a identidade daquela região junto com os seus rivais. O relato de que um jogo entre Real Sociedad e Athletic pode ter ajudado na legalização da bandeira basca é algo que liga fortemente o futebol a identidade nacional basca.

A reação das torcidas de Athletic e Barcelona ao ouvirem o hino espanhol demonstra como mesmo em tempos de globalização, as populações de ambas as regiões ainda lutam pelo

direito de autodeterminação. Apesar de diminuir o impacto das fronteiras, a globalização ainda não é capaz de destruir as identidades nacionais, isso com certeza influi no ambiente futebolístico, ao menos por enquanto as identidades têm se mostrado bastante sólidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávio. **Ângela Merkel e o novo nacionalismo alemão**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/angela-Merkel-e-o-novo-nacionalismo-alemao/6/18541>. Acesso em 20 set. 2016.

ALVITO, Marcos. **Futebol é bom para pensar**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/the-ball-is-round-capitulo-1-a-pre-historia-do-futebol/>. Acesso em 02 fev. 2017.

ALVINO, Marcos. **The ball is round, Capítulo E – Uma vida bem mais esplêndida – o futebol industrial e a Grã-Bretanha da classe trabalhadora, 1888-18914**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/the-ball-is-round-capitulo-3-uma-vida-bem-mais-esplendida-o-futebol-industrial-e-gra-bretanha-da-classe-trabalhadora-1888-1914/>. Acesso em 17 fev. 2017.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexos sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO LIMA, Érico Oliveira de. **Ideologia e ditadura militar: a imagem do regime construída na imprensa brasileira durante o regime militar no país (1964-1985)**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Ideologia%20e%20ditadura%20militar.pdf>. Acesso em 20 nov. 2016.

BANGU NET. **1889 A 1903**. Disponível em: <http://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/1889a1903.php>. Acesso em 20 fev. 2017.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. **O mundo globalizado (Política, sociedade e economia)**. São Paulo: Contexto, 2015.

BRESCIANE, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

BRITO, Nonato. **Proclamação da República: “O povo assistiu àquilo bestializado”**. Disponível em: <https://www.vimarense.com.br/single-post/2015/11/16/Proclama%C3%A7%C3%A3o-da-Rep%C3%ABblica-O-povo-assistiu-%C3%A0quilo-bestializado>. Acesso em 16 nov. 2016.

CALLEJA, Eduardo González. El Real Madrid, ¿”Equipo del Régimen”? Fútbol y política durante el Franquismo. **Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, n.14, 2010.

CAMARA, Eric Brucher. **Copa desperta novo nacionalismo na Alemanha**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u54261.shtml>. Acesso em 20 set. 2016.

CARVALHO, Jean Augusto G. S. **Fukuyama: O Fim da História e o Último Homem**. Disponível em: [http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo\\_9.html](http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo_9.html). Acesso em 03 jul. 2017.

DEBRUN, Michel. **A identidade nacional brasileira**. 2. ed. Campinas: Vozes Ltda, 1990.

DENMARK. **A bandeira nacional**. Disponível em: <http://denmark.dk/pt/fatos-breves/a-bandeira-nacional>. Acesso em 17 set. 2016.

DW. “**Ainda tenho razão**”, afirma Francis Fukuyama, filósofo do “fim da história”. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/ainda-tenho-raz%C3%A3o-afirma-francis-fukuyama-fil%C3%B3sofo-do-fim-da-hist%C3%B3ria/a-17730414>. Acesso em 03 jul. 2017.

EL PAÍS. **El derbi vasco de la ikurriña**. Disponível em: [https://deportes.elpais.com/deportes/2016/10/16/actualidad/1476642636\\_247607.html](https://deportes.elpais.com/deportes/2016/10/16/actualidad/1476642636_247607.html). Acesso em 06 jun. 2017.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os dois Brasis**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/os-dois-brasis/>. Acesso em 22 abr. 2017.

FIFA.COM. **History of FIFA – Foundation**. Disponível em: <http://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/history/index.html>. Acesso em 19 jun. 2017.

FIGOLS, Victor de Leandro. **Futebol e Política: Os fascistas querem a bola**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-e-politica-os-fascistas-querem-a-bola/>. Acesso em 22 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. **Projeto História**. São Paulo, n.49, 2014.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Atlas, 2003.

GARCÍA, Pedro de Vega. **Sistema**. IN: **Revista de ciencias sociales**, Nº 16, 1977.

GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol -la dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología(Ris)**. Vol. LXIV, nº 45, Septiembre-Diciembre, 2006.

GORDON JUNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.2, 1995.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVI, 2002, Caxambú. ANPOCS, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Congresso, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, 2002.

GUIMARÃES, Francisco Xavier da Silva. **Nacionalidade: aquisição, perda e reaquisição**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**. São Paulo, v.1, n.29, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall4.html>. Acesso em 03 nov. 2016.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a reconstrução da ordem mundial**. 4. ed. São Paulo: Gravidia, 1999.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Lumen, 2000.

LIMA, Marcos Costa. **GETÚLIO VARGAS E O ESTADO NACIONAL DESENVOLVIMENTISTA**. Disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1982%3Agetulio-vargas-e-o-estado-nacional-desenvolvimentista-&catid=58&Itemid=414](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1982%3Agetulio-vargas-e-o-estado-nacional-desenvolvimentista-&catid=58&Itemid=414). Acesso em 22 nov. 2016.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: RT, 2002.

MAGNOLI, Demetrio. **História da Paz**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARQUES, Edgar. **Nacionalistas catalães, galegos e bascos ignoram a seleção espanhola**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/espanha/noticia/2010/07/nacionalistas-catalaes-galegos-e-bascos-ignoram-selecao-espanhola.html>. Acesso em 10 jul. 2017.

MATEUS, Rafael. **Futebol Científico de Valeriy Lobanovskyi: ciência, tecnologia e raciocínio lógico na concepção de uma filosofia de jogo**. Disponível em: <https://www.vavel.com/br/futebol-internacional/386693.html>. Acesso em 13 mar. 2017.

MELO, José Tarcízio de Almeida. **Direito constitucional do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Del Rey, 1996.

O GLOBO. **Grupo separatista basco ETA entrega suas armas e Espanha e França**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/grupo-separatista-basco-eta-entrega-suas-armas-espanha-franca-21181777>. Acesso em 22 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **João Saldanha sai após ‘peitar’ Médici e não convocar Dario para Copa de 70**. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/joao-saldanha-sai-apos-peitar-medici-nao-convocar-dario-para-copa-de-70-11811737>. Acesso em 04 jul. 2017.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 2010, p. 31. Disponível em: <https://comunicadadao.wordpress.com/2010/06/10/fichamento-%E2%80%93-mundializacao-e-cultura-ortiz-renato/>. Acesso em 03 jul. 2017.

PUIG, Andrés Fábregas. **Lo sagrado del rebaño, el fútbol como integrador de identidades**. 2010. Disponível em: <https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2015/08/lo-sagrado-del-rebac3b1o.pdf>. Acesso em 18 jun. 2017.

ROESLER, Carlos Eduardo Noronha. **Nacionalismo, Tradição e Modernidade**. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/DELL/Downloads/DISSERTACAO\\_CARLOS\\_EDUARDO\\_NORONHA\\_ROESLER.pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/DISSERTACAO_CARLOS_EDUARDO_NORONHA_ROESLER.pdf). Acesso em 03 nov. 2016.

RODRIGUES, Mário Filho. **O negro no futebol brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 1964.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo**. 2010. 489 f Tese(Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVEIRA, Nubia. **A repressão e a resistência durante o regime militar**. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/a-repressao-e-a-resistencia-durante-o-regime-militar/>. Acesso em 20 nov. 2016.

SOREANO PECEQUILO, Cristina. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Petrópolis: Vozes, 2004.

STEIN, Leandro. **A criação das regras e a expansão do futebol pelo mundo**. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/150-anos-de-futebol-a-criacao-e-a-expansao-das-regras/>. Acesso em 04 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Há 700 anos, rei da Inglaterra decretava que jogar futebol era crime**. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/ha-700-anos-o-futebol-era-proibido-pelo-rei-sob-ameaca-de-prisao-quem-jogasse/>. Acesso em 02 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **O dia em que Athletic Bilbao e Real Sociedad desafiaram as autoridades em prol do orgulho basco.** Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/o-dia-em-que-athletic-bilbao-e-real-sociedad-desafiaram-as-autoridades-em-prol-do-orgulho-basco/>. Acesso em 08 jun. 2017.

SHEFFIELDFC. **The oldest football club.** Disponível em: <http://www.sheffieldfc.com/history>. Acesso em 04 fev. 2017.

THE FA. **The history of the FA.** Disponível em: <http://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>. Acesso em 04 fev. 2017.

VAGALUME. **A Taça do Mundo É Nossa.** Compositor: Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho, Victor Dagô. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ivo-meirelles-funkn-lata/a-taca-do-mundo-e-nossa.html>. Acesso em 16 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pra Frente Brasil.** Compositor: Miguel Gustavo. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/os-incriveis/pra-frente-brasil.html>. Acesso em 16 mar. 2017.

VALENTE, Rafael. Futebol brasileiro completa na terça 120 anos da 1ª partida no país. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/04/1615729-futebol-brasileiro-completa-na-terca-120-anos-da-1-partida-no-pais.shtml>. Acesso em 19 fev. 2017.

VAZA, Marco. **Ainda há clubes no mundo que só aceitam jogadores do “seu” país.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/12/26/desporto/noticia/ainda-ha-clubes-no-mundo-que-so-aceitam-jogadores-do-seu-pais-1578632>. Acesso em 06 jun. 2017.